

## A LITERATURA COMO CONTRIBUIÇÃO PARA O NACIONALISMO

Maria Rita Santos  
Universidade Federal do Maranhão.

**RESUMO:** *A importância das artes na formação e desenvolvimento dos povos. O papel da literatura como expressão de cultura, no ambiente da Universidade Lusófona. Estudo/ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa e respectivas literaturas como toque inicial para consolidação e aprumo da lusofonia ante as demais entidades, pelo seu raio de ação organizativa e assessoramento rumo às soluções desejadas.*

**Palavras-chave:** *lusofonia, nacionalismo, literatura*

**ABSTRACT:** *The importance of arts in the formation and development of people. The role of literature as an expression of culture in the lusophonic University environment. The study/teaching/learning of the portuguese language and its respective literatures as a starting point for the consolidation and uprightness of lusophony before any other institution, for its organizational influence and support towards the required solutions.*

**Key words:** *lusophony, literature, nationalism*

É consabido que cada autor recriador, através de um corte na totalidade de sua maneira de ver e de estar no mundo, tece e retece a sua mundividência. Luis Bernardo Honwana, numa entrevista concedida a Regina Zappa, no caderno B do Jornal do Brasil, declara que o colonialismo português em Moçambique “foi devastador e teve como efeito a agressão cultural, o quase aniquilamento da cultura de um povo”. (ZAPPA, 1981)

Na sua narrativa *Nós matamos o cão tinhoso*, isto é, desenvolvido de forma literária e pertinente, numa nítida atitude de fazer notar que a literatura é a expressão da manifestação cultural de um povo. Assim, o conjunto que faz ser a literatura de uma época, de uma região ou de um povo ou grupo é a soma das várias mundividências/mundivivências dos autores que, no conjunto, expressam realidades interiores e ou exteriores a si, não obstante a insuficiência da linguagem para dizer. Entretanto, é neste nó da questão que repousa o lado encantador da linguagem, pois quando se pensa na impotência de tudo dizer, ao cabo da construção de muitos textos, observa-se que o que está dito o foi até com muita propriedade e requinte e tudo graças à abertura dos textos a múltiplas interpretações (explicitação/implicação). As literaturas de todas as épocas e de todas as gentes são neste aspecto um truísmo.

As concepções de realidade expressa pelas nações africanas somente se assemelham entre si, o mesmo ocorrendo a propósito de cada uma delas em relação às concepções artísticas da realidade portuguesa, brasileira e timorense. Realidades diferentes reclamam garantia de expressão também diferentes. Se tal não ocorre ao nível de forma bem pode ocorrer ao nível de conteúdo e ao nível do pragmático. Destarte, a literatura foi, é e tem sido válido e rico meio de expressão cultural/intelectual de um povo ou grupo. É ainda Luís Bernardo Honwana, no mesmo artigo supracitado, que leva Regina Zappa a escrever:

*“Honwana explicou que objetivo da visita da missão ao Brasil era sobretudo político, mas que foi possível, paralelamente, concretizar de forma parcial, a idéia de um encontro cultural que permitiu focalizar as áreas de identidade entre os dois países.*

*Tudo o que fizemos foi tentar promover encontros com as estruturas que enquadram, a nível estatal, a atividade cultural do Brasil.*

*Desses encontros, contra ele, resultou um conhecimento um pouco mais profundo da organização do trabalho dessas estruturas, o que levou também a uma primeira prospecção em relação à possibilidade de se desenvolver cooperação no campo da cultura entre o Brasil e Moçambique. O que será possível no momento, diz ele, é um intercâmbio de delegações de pessoas ligadas ao fenómeno cultural: artistas, dirigentes, etc”. (ZAPPA, 1981)*

No caso vertente, a realidade brasileira, pelas suas circunstâncias de passado e de presente, guarda as suas semelhanças e as suas diferenças no curso natural do seu projeto de nação, referente às realidades africanas, à realidade portuguesa, à realidade timorense e as demais realidades com as quais se relacionou e se relaciona. Presentemente, todos esses diálogos e entendimentos de realidade, pelo fato de terem em comum a língua portuguesa como instrumento de expressão, buscam, cada vez mais e mais, recursos que facilitem e recubram a compreensão/manutenção dessas proximidades e a explicação/justificação das diversidades que é o que faz ser cada um dos países em causa, na feitura de um cariz próprio, único singular como bem afirma ou inculca Luis Bernardo.

No campo estritamente literário, hoje não se compreende nenhum sujeito militante neste mister que não procure, consciente e necessariamente, alcançar o conhecimento pessoal dos autores de cada realidade cultural expressa nesse conjunto literário lusófono quer seja para efeito de análise comparativa, crítica, investigação e, sobretudo, para ensino/aprendizagem cotidiano de cada qual dessas literaturas. Neste último caso, há atualmente e por muitas razões, onde o resgate de uma melhor compreensão das origens é apenas uma delas, uma nítida necessidade de busca dessa medida comparativa ou simbiótica. Assim sendo, já se justifica a oficialização de uma *Universidade Lusófona* para congregar de fato e de direito as preocupações dos povos integrantes, com fito de melhoria na diagnóstica dos problemas comuns, para a formação de um mutirão de assessoramento às soluções recomendadas, porque adequadas ao crescimento econômico e desenvolvimento sócio-político das nações de língua portuguesa. Vale dizer que tal será o espaço do amplo debate onde os intelectuais literatos terão o seu lugar de destaque tanto pela condição de vanguarda quanto pelo profundo engajamento nos problemas sociais. Este modo de intercambiar problemas e experiências não só garantirá uma maior riqueza vocabular e conseqüentemente cultural, pelo aclaramento de várias lacunas, como servirá de incentivo e apoio às cooperações mútuas entre os vários setores da economia, indispensáveis ao bom porto da verdadeira independência e do resguardo da soberania de cada país integrante.

O conhecimento científico não refuga o modo de dizer artístico logo qualquer assunto científico pode e até deve ser dito dentro de padrões estéticos, sem nenhum prejuízo de sua predominância de objetividade, ou de sentido. Ou seja, o tema científico pode ser dito de uma maneira agradável, rítmica. É nesta altura que o modo literário de dizer ou construir a frase ou período contribui com os seus contornos, moldura, relevo ou

elegância para o melhor dizer ou mostrar, anulando ou neutralizando qualquer idéia de negatividade.

No caso brasileiro, é, através dessa supra-realidade, que parte do real conhecimento histórico se tem formado. Um bom exemplo disso é o *Jornal de Tímon* de João Francisco Lisboa, onde no *Prospecto* é registrado:

*“Tímon, antes amigo contrastado e abatido, do que o inimigo cheio de fel e desabrimento, compreende pintar os costumes do seu tempo, encarando o mal sobretudo, e em primeiro lugar, senão exclusivamente, sem que nisso todavia lhe dê primazia, ou mostre gosto e preferência para a pintura do gênero.*

*Ao contrário, faz uma simples compensação, porque o mal, nas apreciações da época, ou é esquecido, ou desfigurado; esquecido, quando, para o louvor se inventa o bem que não existe, ou se exagera o pouco bem existente: desfigurado, quando para o vitupério se carregam as cores do mal, e ele se imputa e distribui com parcialidade e exclusão, sem escolha, crítica, ou injustiça”.* (LISBOA, s/d)

É no conjunto dos textos literários de uma época ou comunidade que os historiadores e os estudiosos outros vão, não raro, buscar os suplementos para suas teses, quando os documentos se revelam pobres, facciosos ou insuficientes. João Lisboa, ao escrever sobre eleições na antiguidade e no Maranhão, sem ser teatrólogo, romancista ou poeta, mas um homem de cultura, um jornalista voltado para o interesse histórico, veste-se na pele de Tímon para satirizar o mau exercício de atividade política. Assim, neste jogo de interdisciplinaridade, os historiadores afirmam seus exemplos legitimando-os e, por esse meio de busca, os seus testemunhos.

Os romances do romântico José de Alencar se não dão ao leitor um conhecimento exato da realidade social, cultural política e econômica de época através das metáforas; dão, por meio dessa realidade criada, uma visão aproximada do comportamento da totalidade social de então, que em cotejo com os textos dos demais autores da época em referência, não destoa na essência do confronto perquirido. Este exemplo em argumento vale para a produção dos períodos estéticos anteriores e posteriores ao Romantismo.

Sendo o conjunto da produção de cada autor, ou época, uma visão pessoal de mundo, na proporção em que é endossada pelo leitor e pela crítica do momento e também por análises ou interpretações posteriores, passa a ser uma visão coletiva assentida. Todavia, embora semelhante à realidade concreta, é sempre um esforço subjetivo sim, e, malgrado tudo, tem já a sua força ou seu peso persuasivo no âmbito social geral e específico. Neste ponto, a literatura procura sintonizar-se sempre com a atualidade artística em geral e com a atualidade dos demais ramos do saber. O Realismo, Naturalismo e Modernismo são disso bons exemplo. É pois por esse meio, também, que a literatura adquire a sua dimensão vanguardista.

O homem não é e nem pode ser só e somente racionalidade é também sensibilidade. Daí, a necessidade de se compreender a perseguição do equilíbrio entre essas duas dimensões que afinal são humanas, inseparáveis, coexistindo imbricadas na formação do homem como um todo e de todo homem tema eternizado pela literatura na busca de remodelação de paradigmas ou da criação de novos modelos. A propósito, Viriato Corrêa diz:

*“O Brasil é a única parte do mundo em que se imagina que os homens de sciencia podem prescindir de cultura literária. Apanha-se, ao acaso, um tratado de botânica de um auctor francez, um compedido de economia politica de um auctor italiano, um compêndio de historia, de zoologia, de medicina, de direito, mechanica, ou mesmo de mathematicas, de um homem de sciencia da Inglaterra, da Hespanha ou de qualquer outro paiz. São livros que se podem ler”.*  
*Além da expressão scientifica, sente-se que o autor, pela clareza da exposição, pela cultura transparente em tudo aquilo, pela maneira de conduzir o assumpto e pela extrema simplicidade do estilo, é um homem de bom gosto, para o qual a arte é alguma coisa respeitável, digna de ser posta ao lado e ao serviço da austera magnitude da sciencia, para adoçar-o e floril-o”.* (CORRÊA, s/d)

Viriato apresenta-se, veemente, no firme propósito de mostrar que o uso ou manuseio da língua pelos seus utentes e o estudo/conhecimento de sua literatura por um povo de um dado país tem a sua importância na medida em que tudo fundido em hábito, antecede para respaldar a preparação respeitante a qualquer estudo/conhecimento específico, inclusive o lingüístico/literário. Ou seja, não se conhece um especialista de um determinado ramo do saber que não conheça de modo familiar as regras básicas do uso de sua língua, conforme a norma em vigor e não esteja inteirado das mínimas referências dos textos literários representativos, quer do passado quer do presente. E mais, que não veja na produção/apreciação/interpretação da Arte, íntima relação com o desenvolvimento social/crescimento econômico do seu país. Neste particular, a literatura tem o seu papel preponderante.

Alexandre Herculano, falando da decadência da poesia e da eloquência, em Portugal, mostra que tudo residia no

*“encargo dificultoso de indicar os meios de melhoramento no ensino e no estudo delas, já que o movimento intelectual da Europa não passou a raia do país, onde todas as atenções, todos os cuidados estavam applicados às misérias públicas e aos meios de as remover”.* (HERCULANO, 1908)

Mário da Silva Brito, no intento de mostrar a preocupação de Aluísio Azevedo com o curso de processo histórico, registra:

*“Depois da bancarrota o público brasileiro divide-se apenas em duas ordens: a dos que tudo perderam e a dos que ganharam. Os primeiros choram de fome e os segundos tremem de medo pela sua riqueza mal adquirida. Uns se escondem para ocultar a miséria, outros para fugir à justiça... Um belo carnaval! E ninguém lê livros”.*

Capristano de Abreu testemunha assim a questão, depois de lamentar a sorte da infeliz literatura nacional: *“A nova geração continua a fazer literatura por simples diletantismo, sem ideal definido e civilizador, reproduzindo no mais das vezes, em estilo pobre e defeituoso, autores estrangeiros!”.* (BRITO, 1974)

Raimundo Correia, sobre a mesma época opina:

*“A época atual é, com efeito, dura e penosa para a vida do espírito. Que vemos nós em torno? O patriotismo, a abnegação heróica e as mais nobres virtudes*

*deixam de ser uma realidade, evaporando-se em frases ocas... O aspecto sob o qual todas as coisas são encaradas presentemente por uma literatura doentia e 'fin du siècle', traduz com triste exatidão esse mal estar que nos oprime e asfixia". (BRITO, 1974)*

Pelos lampejos de história, observa-se as opiniões das circunstâncias, das condições e das repercussões sociais do fato literário.

Como se vê, literatura, literato e processo histórico com tudo o que isso implica têm de fato uma correlação muito estreita. Portanto, se determinada nação vai mal no seu curso de progresso, as letras também, pelo que se infere ser esta última reflexo daquela. Ou seja, se a realidade concreta é de boa qualidade e supra-realidade não é diferente. Neste plano, pode-se concluir que o estudo/ensino/aprendizagem da literatura para além do fazer artístico, acossa a sensibilidade dos implicados em tal processo para adquirir consciência social, anotar e detectar os problemas de ordem vária em seu derredor, rumo à busca de soluções.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITO, Mário da Silva. *História do modernismo brasileiro: antecedentes da semana da arte moderna*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974.
- FERREIRA, Delson Gonçalves. *Língua e literatura luso-brasileira*. 9ª ed. São Paulo, Editora Discubra, s/d.
- HERCULANO, Alexandre. *Opúsculos*. Lisboa, Bertand – Francisco Alves, Tomo IX, 1908.
- LISBOA, João Francisco. *Jornal de Timon*. Eleições na Antigüidade e eleições e partidos políticos no Maranhão. Brasília – DF, Editora Alhambra Ltda. /Alumar, s/d.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1976.
- ZAPPA, Regina. *Moçambique: uma cultura há pouco libertada propõe diálogo com o Brasil*. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 set. Caderno B, 1981.